

Antonio Cândido e o “fim das utopias”

Antonio Cândido and the “End of Utopias”

Autoria: Edu Teruki Otsuka

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5283-6251>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4394975599573300>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaeas.2023.215494>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaeas/article/view/215494>

Recebido em: 28/08/2023. Aprovado em: 28/08/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 23, jul.-dez., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaeas>.

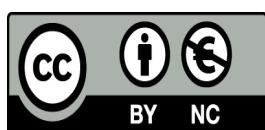
Contato: opiniaeas@usp.br

 fb.com/opiniaeas  [@revista.opiniaeas](https://www.instagram.com/@revista.opiniaeas)

Como citar (ABNT)

OTSUKA, Edu Teruki. Antonio Cândido e o “fim das utopias”. Opiniões, São Paulo, n. 23, pp. 160-174, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaeas.2023.215494>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaeas/article/view/215494>

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, con quanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

antonio candido e o “fim das utopias”

Antonio Candido and the “End of Utopias”

Edu Teruki Otsuka¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaeas.2023.215494>

Resumo: O artigo comenta temas em torno de *O discurso e a cidade*, de Antonio Candido, buscando indicar articulações entre a concepção do livro, o projeto crítico do autor e sua visão política. Os temas discutidos abrangem a representação da realidade social e sua transfiguração nas obras literárias, bem como a compreensão de Candido a respeito do socialismo e da utopia.

Palavras-chave: Antonio Candido. Representação literária. Transfiguração da realidade. Socialismo. Utopia.

Abstract: In this paper I comment on topics related to *O discurso e a cidade* [Discourse and the city], by Antonio Candido, intending to point out connections among the conception of the book, the author's critical project and his political vision. I discuss topics concerning the representation of social reality and its transfiguration in literary works, as well as Candido's understanding of Socialism and utopia.

Keywords: Antonio Candido; Literary representation. Transfiguration of reality. Socialism. Utopia.

¹ Edu Teruki Otsuka é professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. E-mail: eduotsuka@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5283-6251>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4394975599573300>.

1.

O discurso e a cidade (CANDIDO, 1993c) foi publicado em 1993, cerca de dois meses depois de *Recortes* (CANDIDO, 1993e), que apareceu em fevereiro daquele ano. Cada um dos livros abrange facetas diversas da atividade de Antonio Cândido como crítico literário, intelectual e militante político. *Recortes* reúne 50 textos curtos que o próprio autor chegou a achar que não deveria republicar, “devido ao seu caráter circunstancial” (CANDIDO, 1993e, p. 9). Felizmente mudou de ideia e juntou os escritos de circunstância que formam um conjunto solto, sobre assuntos variados, mas com articulações significativas, resultando num amplo depoimento de quem atravessou o século XX atento à experiência da vida contemporânea. A maioria dos textos, marcada por uma tonalidade pessoal e misturando ensaio, memória e reflexão, traça perfis de figuras ou descreve eventos que, captados pelo olhar do crítico, iluminam o cenário de toda uma época. Como observou Antônio Arnoni Prado, o conjunto vale como “uma espécie de balanço de geração” (2004, p. 313).

O discurso e a cidade, em contraste, traz em sua primeira parte alguns dos ensaios mais densos de Cândido, estudos de caráter analítico e sistemático, escritos nos anos 1970. Por isso, seria de se esperar que fossem republicados em formato mais duradouro de livro, o que, no entanto, não ocorreu nos dois volumes de ensaios que Cândido publicou no meio tempo. *Teresina etc.* (CANDIDO, 1980b), de 1980, trazia a versão expandida do estudo sobre Teresina Carini Rocchi, junto a uma recolha de sete textos sobre assuntos culturais e políticos, quase todos dos anos 1970. *A educação pela noite* (CANDIDO, 1987), de 1987, agrupava, em três blocos de afinidade temática, doze ensaios escritos entre o fim dos anos 1960 e o começo dos anos 1980.

Foi só em *O discurso e a cidade* que o autor finalmente recolheu o então já clássico “Dialética da malandragem”² e “De cortiço a cortiço” (este havia sido divulgado em versões parciais e só foi publicado na íntegra dois anos antes).³

² Originalmente publicado na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, em 1970, o ensaio foi republicado, antes de sua inclusão em *O discurso e a cidade*, em edição crítica do romance de Manuel Antônio de Almeida (1978); e também apareceu, em espanhol, no volume *Critica radical* (CANDIDO, 1991), organizado por Márgara Russotto. Como se sabe, o ensaio de Cândido recebeu, em 1979, um penetrante comentário de Roberto Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” (SCHWARZ, 1989, p. 129-155).

³ “A passagem do dois ao três” e “Literatura – Sociologia” (cf. Cândido, 2002, p. 51-76) aproveitam em parte a análise de *O cortiço* para intervenções no debate teórico, sobre o estruturalismo e a crítica sociológica. Como explicado por Cândido, os dois textos foram divulgados em 1976; a versão original completa só apareceu em 1991. “De cortiço a cortiço” foi comentado por Schwarz em “Adequação nacional e originalidade crítica” (SCHWARZ, 1999, p. 24-45).

A demora de mais de vinte anos para publicar em livro próprio o estudo sobre *Memórias de um sargento de milícias* pode causar estranheza, mas parece ter tido uma boa razão. Conforme a história contada por Paulo Arantes em várias ocasiões, Antonio Candido teria, por algum tempo, acalentado o projeto de escrever uma *Mimesis* brasileira.⁴ O livro de Auerbach (1987), como se sabe, era uma das obras de crítica literária mais prezadas por Candido. Lido por ele pela primeira vez nos anos 1950 (com auxílio de uma professora de alemão), o estudo de Auerbach foi mencionado por Candido, em “Crítica e sociologia”, como representante de um “método estilístico-sociológico”, cujo aperfeiçoamento possibilitaria desfazer “a dicotomia tradicional entre fatores externos e internos” da obra literária (CANDIDO, 1980a, p. 14), apontando, assim, para o caminho crítico que Candido buscava formular naquele momento e começava a colocar em prática.

Ainda segundo Arantes, Roberto Schwarz teria comentado que se poderia pensar em dois momentos da atividade crítica de Candido em sua fase madura. Num primeiro momento, o da *Formação da literatura brasileira* (CANDIDO, 1993d), o crítico se dedicou a reconstituir historicamente o processo de construção do sistema literário brasileiro, isto é, o modo pelo qual se definiu um campo local de problemas e contradições, “no qual as questões contemporâneas se podem articular com propriedade” (SCHWARZ, 1999, p. 19). Isso porque o sistema literário, uma vez constituído, passa a funcionar como um filtro histórico, fundado em um quadro de questões com demarcação e irradiação próprias, que possibilita assimilar e aproveitar com pertinência as tendências artísticas e literárias, bem como as teorias sociais e políticas, provenientes dos centros culturais prestigiosos (cf. SCHWARZ, 1999, p. 20). O conjunto articulado de autores, obras e públicos, reciprocamente atuantes, define uma tradição local de problemas lastreados na experiência social específica, contribuindo para evitar tanto a ilusão universalista quanto o provincianismo localista.

Reconhecidos os efeitos do sistema literário constituído enquanto força civilizatória, cumpre observar também a limitação de sua abrangência, ligada ao descompasso entre a formação do sistema cultural, que se realizou ainda no século XIX, e a formação desejada, mas indefinidamente adiada, da sociedade nacional. Pois a construção da tradição literária local deu-se como processo conduzido pela classe dominante, articulado ao projeto de formação nacional ou, em outros termos, aos projetos convergentes, mas distintos de construção do Estado e de fabricação da nação (cf. ARANTES, 2004). Decisivo é que desse processo não participaram as camadas subalternas.

⁴ Por escrito, a história está registrada em Paulo Arantes (1996, p. 116). A primeira vez que ouvi a história foi numa palestra de Arantes sobre seu livro *Sentimento da dialética* (ARANTES, 1994), ocorrida na FFLCH-USP em 9 de dezembro de 1994.

No esquema de Cândido, a formação da literatura brasileira se completou por volta de 1870. Mas o que significa um sistema literário formado num país predominantemente iletrado e historicamente marcado por fraturas coloniais? Como observou Schwarz, o sistema literário já constituído “coexistiu com a escravidão e com outras ‘anomalias’, traços de uma sociedade que até hoje não se completou sob o aspecto da cidadania, e talvez não venha a se completar” (1999, p. 19). Ou, para lembrar os termos de “Nacional por subtração”, a estrutura social iníqua, que não estende à massa da população os benefícios da modernidade, “confere à cultura uma posição insustentável, contraditória com seu autoconceito” (SCHWARZ, 1989, p. 46).

É verdade, como Cândido demonstrou em inúmeros estudos, que as tradições culturais que aos poucos foram se adensando possibilitaram a elaboração de pontos de vista antioligárquicos e de oposição aos valores e interesses da classe dominante, passando a incorporar a perspectiva dos oprimidos.⁵ Ao mesmo tempo, o funcionamento da atividade intelectual e artística nessa sociedade de desigualdades extremas indica também que a formação dos sistemas culturais, por si só, não chega a fazer a diferença total que um dia se imaginou em certas concepções sobre o futuro nacional (cf. SCHWARZ, 1999, p. 19, 56-58).

Retomando as observações de Arantes, num segundo momento, Antônio Cândido se voltou para o aparecimento, na cena literária, das populações das camadas baixas, justamente as que ficaram à margem no projeto da elite ilustrada, empenhada em munir o país de uma dinâmica literária e cultural coerente.⁶ A investigação que Cândido passa a realizar nos anos 1970, a partir de “Dialética da malandragem”, sugere, assim, um propósito de sondagem do avesso da formação. Daí o projeto, inspirado em *Mimesis*, de investigar a elaboração literária da experiência social dos pobres e subalternos. Ao intuito auerbachiano de examinar, no romance brasileiro, a representação da vida comum em sua profundidade, Cândido ainda acrescentaria a reconstituição do processo social correspondente, movimento que é indispensável sobretudo no caso brasileiro e que possibilita apreender algo que “escapa ao quadro previsto e entra em terreno conceitualmente novo, capaz de revelações” (SCHWARZ, 1999, p. 232).

Na versão brasileira de *Mimesis* imaginada por Antônio Cândido, o trabalho abarcaria, segundo Paulo Arantes, estudos sobre os seguintes romances:

⁵ Ver, por exemplo, A. Cândido, “Literatura de dois gumes” (CANDIDO, 1987, p. 163-180); “Feitos da burguesia” (CANDIDO, 1980b, p. 95-106).

⁶ A partir de outro ângulo, Celso Lafer observou que a tese de Cândido sobre o caipira paulista (CANDIDO, 1964) já era uma incursão ao universo dos dominados: “Os parceiros do Rio Bonito constitui, na trajetória de Antônio Cândido, um livro ‘do contra’, elaborado, porém, concomitantemente com *Formação da literatura brasileira*, que é um livro do ‘a favor’” (LAFER, 1979, p. 78).

Memórias de um sargento de milícias (1854-5), de Manuel Antônio de Almeida; *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo; *O ateneu* (1888), de Raul Pompeia; *Esaú e Jacó* (1904), de Machado de Assis; *Serafim Ponte Grande* (1933), de Oswald de Andrade; e *Fogo morto* (1943), de José Lins do Rego.

Os dois primeiros estudos, os únicos de fato escritos, parecem mesmo corresponder aos capítulos iniciais desse projeto, pois trazem para o primeiro plano da representação os modos de vida das camadas baixas, dando formalização literária à experiência social daqueles que ou foram relegados pelos projetos modernizadores nacionais ou sofreram na pele seus efeitos massacrantes.⁷ Quando foram publicados em *O discurso e a cidade*, porém, os dois ensaios passaram a compor, com estudos sobre *L'Assommoir*, de Zola, e *Os Malavoglia*, de Verga, um conjunto voltado ao problema da representação literária da realidade, não mais restrito à experiência dos pobres no Brasil.

Seja como for, é sugestiva a ideia, indicada por Paulo Arantes, de que o intuito de Cândido de investigar o reverso social da formação estaria associado ao contexto do pós-1964. Se o olhar para a formação (da literatura, da sociedade nacional) já decorria, ele mesmo, de uma desilusão histórica relacionada ao pós-guerra de 1945, um último abalo nas perspectivas de construção nacional foi desferido com o golpe militar de 1964. A instalação de mais uma ditadura teria tido, sobre o crítico, o efeito de extirpar de maneira definitiva qualquer resquício de ilusão que porventura ainda restasse recessivamente no que diz respeito à esperança de que a atuação das classes dominantes brasileiras pudesse ser direcionada politicamente rumo a uma sociedade mais democrática e menos desigual.

Em entrevista do final dos anos 1990, Cândido formula a questão de modo contundente: o Brasil, diz ele, é “um país em que as classes dominantes são classes delinquentes”, pois quando pareciam se abrir possibilidades de dar um passo em direção a uma sociedade mais igualitária, “não tiveram um mínimo de humanidade para distribuir um pouco do que acumularam, e a gente vai ficando velho, vai vendo que os governos se sucederam e as utopias se desmoronaram” (CANDIDO, 1997a, p. 25).

⁷ Ao mesmo tempo, para mim a lista no conjunto não deixa de provocar algum estranhamento, pelo menos no que diz respeito à escolha do livro de Machado, já que o único momento daquele romance em que os pobres de fato aparecem é a magnífica cena inicial, aliás analisada por Roberto Schwarz (2019).

2.

No mesmo ano de 1993 em que publicou *O discurso e a cidade*, Antonio Cândido participou de uma conversa com Antônio Houaiss, Antônio Callado e Tom Jobim, que resultou na publicação do livro *3 Antônios e 1 Jobim*. Além da transcrição da conversa, o livro traz entrevistas individuais com cada um dos Antônios. A de Cândido, com participação de Gilda de Mello e Souza, foi conduzida por seu amigo de longa data, Décio de Almeida Prado. Nela, assim como na conversa, Cândido faz questão de reafirmar suas convicções socialistas num contexto em que estavam na ordem do dia as então recentíssimas quedas do Bloco Comunista e dissolução da União Soviética.

A esse propósito, diz Cândido: “E agora, com a crise do socialismo na Rússia, tenho a impressão de que a era das utopias se fechou. [...] É o fim das utopias. Nós estamos agora vivendo esta coisa duríssima, o fim das utopias, que gera um quadro muito estranho...” (CANDIDO, 1993a, p. 127). Compreende-se que, naquele início dos anos 1990, a expressão “fim das utopias” estivesse em circulação, mas ainda assim a declaração me parece curiosa, pois não creio que a palavra *utopia* costumasse frequentar os escritos ou depoimentos anteriores de Antonio Cândido.

Primeiramente, cabe destacar que, ao explicar como comprehende o “fim das utopias”, Cândido, de modo revelador, identifica o início desse fim num momento histórico bem anterior, fazendo-o recuar ao período das duas grandes Guerras. Na conversa dos Antônios, Cândido diz:

Não existe época boa na história. Em todas, existem guerra, iniquidade, massacre, exploração, fome. A diferença é o nível de consciência da sociedade, que determina se há ou não sinais de esperança no futuro. Nós estamos saindo de duzentos anos de utopia. O século XVIII criou as grandes utopias, que vieram a dar no liberalismo, na democracia, no socialismo, no anarquismo. Criou-se sobretudo aquela ideia que ainda na minha infância era um dogma: a de que se toda a população fosse de fato instruída haveria felicidade universal. Os homens não brigariam mais, as guerras acabariam... Nós vivemos dois séculos de grandes utopias. E essas desgraçadas duas grandes guerras do século XX e mais o horror do nazismo acabaram com as utopias. (CANDIDO, 1993b, p. 55-56)

Na entrevista com Décio de Almeida Prado, Cândido retoma o assunto no trecho que transcrevo abaixo, apesar do teor repetitivo, pois meu intuito é salientar a insistência com que ele passa a abordar o tema nesse período:

A grande coisa do nosso tempo, do ponto de vista das ideias, foi a criação das utopias no século XVIII: o liberalismo, o socialismo, o comunismo, o

anarquismo, a fraternidade universal, a igualdade, a felicidade pela instrução comum básica, tudo...

[...]

Condorcet dizia no *Tableau* que, quando toda a sociedade fosse instruída, os homens todos seriam felizes, e aí o aperfeiçoamento da humanidade seria impossível de prever, por se tomar infinito. Nós estamos numa crise das utopias porque o mundo se civilizou e a barbárie continuou. Isso é coisa grave! O grande fenômeno do século XX foi o nazismo! Foi o fenômeno mais importante do século. A revolução russa veio para realizar os ideais utópicos, enquanto o nazismo foi a prova de que sempre é possível instaurar barbárie. A qualquer momento da sua história, o homem é capaz de reverter aos piores padrões de barbárie. (CANDIDO, 1993a, p. 127)

Como se vê, para Cândido, a destruição das utopias – entendidas como os ideais modernos de igualdade e justiça sociais – praticamente se confunde com o século sangrento que foi o século XX, sem associar-se exclusivamente ao contexto imediato da derrocada do Bloco Soviético.

De passagem, assinala-se que as concepções políticas fundadas nas grandes utopias, como Cândido as chama – liberalismo, democratismo, socialismo, comunismo –, correspondem ao que Koselleck caracteriza como “conceitos de movimento”. São conceitos políticos especificamente modernos que, baseando-se apenas parcialmente na experiência, acentuam a perspectiva da orientação histórica para o futuro, para se justificarem a si mesmos. Nesse sentido, são “conceitos de compensação temporal”: “A expectativa que depositam no tempo que está por vir está em proporção inversa à experiência que lhes falta.” (KOSELLECK, 2006, p. 297). E não será abusivo lembrar ainda que, como indicou Paulo Arantes, se pode pensar o nacionalismo, subjacente ao ciclo histórico da formação, como um conceito de movimento (cf. Arantes, 2014, p. 34-35). Mas isso seria assunto para outra discussão.

Retomando o fio, digamos que as observações de Antônio Cândido sobre o “fim das utopias”, remontando aos desastres da guerra e do nazismo, fazem pensar na segunda seção de *O discurso e a cidade*. “Quatro esperas”, ensaio único em quatro partes, foi publicado primeiramente em 1990 e apresenta “descrições críticas” de “À espera os bárbaros”, de Cavafis, “A construção da muralha da China”, de Kafka, *O deserto dos tártaros*, de Dino Buzzati, e *O litoral das Sirtes*, de Julien Gracq. São textos que, em oposição complementar aos romances estudados na primeira seção, buscam transfigurar a realidade, desprendendo-se da representação mais direta do real para dissolvê-lo num mundo arbitrário, sem localização definida e marcado por certa atmosfera de irrealidade. No entanto, Cândido procura mostrar que essas obras “penetram bem no real justamente por não terem compromisso documentário, mas obedecerem sobretudo à fantasia” (CANDIDO, 1993c, p. 11).

Nas palavras do próprio Cândido, as obras estudadas no ensaio “figuram situações regidas por um sentimento que em nosso tempo se tornou frequente, às vezes obsessivo: a expectativa dos perigos iminentes, quase sempre com suspeita de catástrofe” (CANDIDO, 1993c, p. 12). “Quatro esperas” já recebeu comentários críticos percucientes,⁸ e limito-me aqui a reforçar o vínculo entre as premonições sombrias que movem os textos e a consciência clara do crítico a respeito dos perigos sempre presentes de recaída na barbárie mais explícita, assim como da catástrofe cotidiana que se alastrava, obscura e subterrânea, nos períodos de suposta normalidade da sociedade capitalista.

3.

Na conversa dos Antônios, Cândido diz que estaríamos diante de ameaças muito graves (em que exatamente estaria pensando?) e que hoje “vivemos sem o contrapeso das utopias”; por isso, para ele “o grande problema é saber quais são os caminhos que o socialismo vai tomar”. Em seguida, ele observa: “Nós vivemos um tempo em que se tem consciência de que a própria humanidade pode acabar, de que existe a possibilidade de o homem acabar e o próprio mundo acabar.” (CANDIDO, 1993a, p. 56).

A inquietação de Antonio Cândido a propósito do “fim das utopias” – e da ameaça de uma catástrofe maior, o fim do mundo – é contrabalançada pela reafirmação das convicções socialistas. E agora o socialismo é apresentado, não tanto como um ideal que devesse ser plenamente concretizável, mas sobretudo como uma força de contenção da barbárie: “o socialismo não é uma utopia para ser realizada em cem por cento! É sobretudo uma grande força de humanização da história” (CANDIDO, 1993b, p. 121).⁹

Assim, Cândido fala sobre o papel histórico do socialismo em sua oposição ao capitalismo: “O socialismo nasceu junto com o capitalismo. Ele é uma forma de correção do capitalismo. Tudo que o capitalismo tem de mais humano não foi fruto da sua natureza, mas de pressões feitas por socialistas e similares.” (CANDIDO, 1993a, p. 32). O raciocínio é retomado na entrevista com Décio: “E se hoje se fala que o capitalismo liberal tem face humana, não foi por uma evolução lógica do liberalismo, e sim por causa das pressões sociais inclusive

⁸ Ver os estudos de Paulo Arantes (2018), Modesto Carone (2009), e Ivone Daré Rabello (2009).

⁹ O tema é retomado em outras ocasiões, como por ex.: “Creio que o socialismo, mais do que corpo doutrinário deste ou daquele partido, é uma das maiores forças humanizadoras do mundo contemporâneo, e, nesse sentido, está vivo” (CANDIDO, 2000, p. 11).

socialistas” (CANDIDO, 1993b, p. 124). Em outro lugar, de maneira incisiva, Cândido volta a repisar o tema:

Sem o socialismo, sem outras modalidades de luta pela justiça, como o sindicalismo e o cristianismo social, o que teria sido o mundo capitalista no século passado e neste? Digo isto para lembrar que mesmo sem tornar-se fórmula política dominante neste ou naquele país, o socialismo tem sido nesses quase dois séculos força corretiva que, ao lado de outras, forçou o capitalismo a assumir formas menos insuportáveis. O que se procura frequentemente apresentar como a “face humana” do capitalismo não é produto da sua lógica interna. É um fruto arrancado por meio de sacrifícios sem conta, de combate sangrento, de miséria revoltada que arrebata concessões, permitindo um mínimo de condições toleráveis para a massa de dominados. Nesse processo o socialismo é uma das forças mais vivas, que marca presença mesmo nos países aparentemente alheios a ele, porque enfrenta sem cessar a exploração do homem pelo homem. (CANDIDO, 1997b, p. 16)

Aqui, como em outras declarações de Cândido, o socialismo parece ganhar uma acepção mais ampliada,¹⁰ associando-se a convicções e disposição de luta política em busca de uma sociedade mais igualitária, sem fixar-se num ideal predeterminado a ser realizado.

Nesse sentido, vale a pena recuperar um trecho do discurso proferido por Cândido, em 2008, ao receber o prêmio Juca Pato de intelectual do ano, concedido pela União Brasileira de Escritores:

me mantendo fiel à tradição do humanismo ocidental definida a partir do século XVIII, segundo a qual o homem é um ser capaz de aperfeiçoamento, e que a sociedade pode e deve definir metas para melhorar as condições sociais e econômicas, tendo como horizonte a conquista do máximo possível de igualdade social e econômica e de harmonia nas relações. O tempo presente parece duvidar e mesmo negar essa possibilidade, e há em geral pouca fé nas utopias. *Mas o que importa não é que os alvos ideais sejam ou não atingíveis concretamente na sua sonhada integridade. O essencial é que nos disponhamos a agir como se pudéssemos alcançá-los*, porque isso pode impedir ou ao menos atenuar o afloramento do que há de pior em nós e em nossa sociedade. E é o que favorece a introdução, mesmo parcial, mesmo insatisfatória, de medidas humanizadoras em meio a recuos e malogros. (CANDIDO, 2008, grifo meu)

¹⁰ “Além dele [do socialismo], penso no anarquismo, em certas formas de cooperativismo e sindicalismo, no cristianismo social.” (CANDIDO, 2000, p. 11). “Chamo de socialismo todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade e ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... tudo isso.” (CANDIDO, 2011).

Como se vê, o trecho destacado indica que não se trata tanto de arquitetar uma sociedade ideal e planejar sua futura instalação, mas de agir, no presente, como se ela fosse possível, pois só assim se poderiam barrar as eclosões da barbárie. E qual seria, para ele, a força motivadora desse tipo de ação?

Em outro escrito, referindo-se ao final da II Guerra, Antonio Cândido observa que aquele havia sido “um tempo de grandes esperanças”, marcado por “expectativas eufóricas (e enganadoras)”:

Quando acabou a guerra, tínhamos a convicção de que o socialismo ia se instaurar; que, devido à vitória comum contra o nazismo, a União Soviética ia se liberalizar e se democratizar, enquanto os Estados Unidos e a Inglaterra, a França iam se socializar. Eles se encontrariam no meio do caminho e nós teríamos a felicidade na Terra! (CANDIDO, 2001, p. 73)

A despeito do teor de frustração histórica contido no olhar distanciado no tempo, reconhecendo o que havia de ilusório nas expectativas sobre um futuro que não veio, o que Cândido realça na sequência de seu depoimento é certa força capaz de elevar as pessoas acima delas mesmas no âmbito da atuação política:

no fundo era essa a nossa posição, posição de grande esperança, uma esperança que nos animava, nos transportava acima de nós mesmos, e todos sabem que, sem grandes ideais, a gente não se transporta acima de si. Sou de uma geração que se transportou acima de si mesma, graças a essa esperança, que foi logo cortada pela Guerra Fria.¹¹ (CANDIDO, 2001, p. 73)

Essa ideia reaparece em outros momentos, como quando Cândido afirma que aqueles que participaram das lutas socialistas se caracterizavam por “um timbre especial de elevação”, porque se empenharam na busca, não de soluções individuais, mas de soluções coletivas “para que todos pudessem realizar-se um dia numa sociedade transformada” (CANDIDO, 1997b, p. 15). Na entrevista de 1993 a Décio de Almeida Prado, Cândido formula outra variação da mesma ideia: “A utopia cria o homem superior, faz você subir acima de você mesmo.” (CANDIDO, 1993a, p. 127-8). E assim reatamos com o sentido da utopia tal como Antonio Cândido a apresenta na altura dos anos 1990.

Que relação se poderia estabelecer entre essas observações de Antonio Cândido e sua compreensão da literatura? Para sugerir uma possível aproximação, talvez se possa começar lembrando a fórmula de Celso Lafer, segundo a qual Cândido “percebe a política como a ordem da igualdade e a literatura como

¹¹ Paulo Arantes chamou atenção para esse texto de Antonio Cândido no Seminário “Visões de junho”, realizado na FFLCH-USP em 09/08/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TosKBvLonMY>

a aventura da liberdade” (LAFER, 1992, p. 281). Sem aderir aos esquemas e concepções de Lafer, digamos que, de fato, Cândido sempre valorizou na literatura a sua dimensão de gratuidade, que possibilita a reinvenção do real, fecundando-o com o livre jogo da fantasia. E é justamente essa capacidade de imaginar algo outro, pela literatura, que parece encontrar equivalente, no plano político, na imaginação utópica, capaz de sustentar a luta pela contenção da barbárie.

Como foi dito, em “Quatro esperas” ressalta a transfiguração da realidade que articula as obras estudadas, apreendendo o sentimento opressivo da espera indefinida e a premonição da catástrofe. Talvez se possa dizer que há certa semelhança, menos o pressentimento sombrio do desastre, nos textos discutidos na terceira parte de *O discurso e a cidade*, voltada ao estudo de manifestações de contracorrente, isto é, obras em que a invenção literária contraria as tendências dominantes e as normas vigentes, assumindo feição transgressiva.¹² A aspiração por algo diverso da norma (na carta de Sousa Caldas), a contestação da lógica estabelecida (na poesia pantagruélica), a negação dos padrões morais (em “Pomo do mal”, de Fontoura Xavier) e a crítica ao ritmo do progresso técnico (em “Louvação da tarde”, de Mário de Andrade) apontam, em sua diversidade, para elementos que pretendem ultrapassar a mera reprodução do que existe, com graus variados de transfiguração.

Para terminar, talvez não seja de todo arbitrário evocar outro estudo de Antonio Cândido, recolhido em *Recortes*, em que o ponto decisivo é a transfiguração do real. Em “As transfusões de Rimbaud”, de 1991, o crítico observa no poeta francês a capacidade de criar espaços em que a natureza do mundo se funde a um quadro artificial, “que transporta a sensibilidade para um plano diferente da realidade”. E conclui:

A eficiência de tais poemas é devida ao fato de conservarem a referência ao mundo (que é sempre um ímã para a nossa percepção), mas promovendo a invenção de outro mundo, que de certo modo o suplanta e satisfaz o nosso desejo de ir além do real. (CANDIDO, 1993e, p. 121)

Não seria esse o sentido mesmo da utopia?

¹² Para um comentário sobre a terceira seção de *O discurso e a cidade*, ver Edu Teruki Otsuka (2020).

referências bibliográficas

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Ed. crítica de Cecília de Lara. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- ARANTES, Paulo Eduardo. Uma educação pela espera. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (Orgs.). *Antonio Cândido 100 anos*. São Paulo: Ed. 34, 2018, p. 431-441.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *O fio da meada: uma conversa e quatro entrevistas sobre filosofia e vida nacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- ARANTES, Paulo Eduardo. Nação e reflexão. In: *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad, 2004, p. 79-108.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. Dialética e dualidade segundo Antonio Cândido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CANDIDO, Antonio. Antonio Cândido [Entrevista a Décio de Almeida Prado]. In: *3 Antônios e 1 Jobim: histórias de uma geração*. O encontro de Antonio Callado, Antonio Cândido, Antônio Houaiss, Antonio Carlos Jobim. Entrevistas de Zuenir Ventura. Org. e apres. Marília Martins e Paulo Roberto Abrantes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993a, p. 89-129.
- CANDIDO, Antonio. Antonio Cândido acha que país não tem um pensamento radical próprio [Entrevista a Fernando de Barros e Silva]. *Folha de S. Paulo*, Brasil, 10 de abril de 2000, p. 11.
- CANDIDO, Antonio. Antonio Cândido: ‘Preservo convicções socialistas’. *Terra Magazine*, 21 de agosto de 2008. <http://terrasmagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3118896-EI6581,00.html> Acesso em: 13/10/2008.
- CANDIDO, Antonio. Antônios, o encontro. In: *3 Antônios e 1 Jobim: histórias de uma geração*. O encontro de Antonio Callado, Antonio Cândido, Antônio Houaiss, Antonio Carlos Jobim. Entrevistas de Zuenir Ventura. Org. e apres. Marília Martins e Paulo Roberto Abrantes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993b, p. 11-58.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade*. 6ª ed. São Paulo: Nacional, 1980a, p. 3-15.

CANDIDO, Antonio. *Crítica radical*. Org. Márgara Russotto. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993c.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. Entrevista. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, v. 7, Recife: UFPE, setembro 1997a, p. 7-39.

CANDIDO, Antonio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (momentos decisivos). 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993d.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b, p. 13-16.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993e.

CANDIDO, Antonio. ‘O socialismo é uma doutrina triunfante’ [Entrevista a Joana Tavares]. *Brasil de Fato*, 12 de julho de 2011. <https://web.archive.org/web/20110718101959/http://www.brasildefato.com.br/node/6819>. Acesso em: 15/07/2011.

CANDIDO, Antonio. *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. Sel., apres. e notas Vinicius Dantas. São Paulo: Ed. 34 / Duas Cidades, 2002.

CARONE, Modesto. *O discurso e a cidade*: Quatro esperas. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 12, p. 164-175, 2009. <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25360>

LAFER, Celso. Antonio Cândido. In: LAFER, Celso (Org.). *Esboço de figura*: homenagem a Antonio Cândido. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 73-88.

LAFER, Celso. As ideias e a política na trajetória de Antonio Cândido. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do*

texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Cândido. São Paulo: Companhia das Letras / IMS, 1992, p. 271-296.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-RJ, 2006.

OTSUKA, Edu Teruki. Crítica fora do esquadro: homenagem a Antonio Cândido. *Magma*, São Paulo, v. 27, n. 16, p. 25-33, 2020. <https://www.revistas.usp.br/magma/article/view/189583>

PRADO, Antônio Arnoni. Retrato de uma geração. In: *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 313-320.

RABELLO, Ivone Daré. O agudo olhar para as figurações da barbárie: perspectivas do presente em *O discurso e a cidade. Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 12, p. 182-198, 2009. <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25362>

SCHWARZ, Roberto. Dança de parâmetros. In: *Seja como for:* entrevistas, retratos e documentos. São Paulo: Ed. 34 / Duas Cidades, 2019, p. 379-387.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.